**HÁBITOS ALIMENTARES DOS CANGACEIROS**

Como os cangaceiros adquiriam, conservavam, transportavam e preparavam os seus alimentos

**Widma Fernandes Soares**

Acadêmica do curso de pedagogia CAMEAM/UERN, E-mail: [widmafernandes@hotmail.com](mailto:widmafernandes@hotmail.com)

**Wildoberto Batista Gurgel**

Universidade Federal do Semi-Árido. Doutor em Políticas Públicas, E-mail: ayalagurgel@gmail.com

**Resumo:** Os hábitos alimentares dos cangaceiros estão associados indelevelmente ao seu modo de vida e aos costumes das populações catingueiras, presentes na cultura do nosso povo ainda hoje. Nosso objetivo é preencher uma lacuna nas pesquisas sobre o cangaço, recuperando a forma como os cangaceiros adquiriam, conservavam, preparavam e se serviam dos seus alimentos. O procedimento metodológico pauta na antropologia cultural por meio do resgaste documentado das memórias locais e discursos oficiais (registrados em jornais e revistas de época, bem como em artigos de periódicos atuais). Alguns dos nossos informantes foram comensais do cangaço, outros apenas curiosos ou que tiveram acesso a filhos/filhas de cangaceiros. Percebe que os hábitos alimentares estavam relacionados a fatores como a economia rural de subsistência, estrutura social e o meio ambiente, bem como aos costumes típicos do homem adulto do interior do sertão, incluindo sua religiosidade. No Rio Grande do Norte, os cangaceiros desenvolveram uma peculiar habilidade no armazenamento de seus víveres, utilizando cavernas ou furnas para a sua estocagem, diferente da vida nômade mais típica dos bandos cangaceiros. O modo como os cangaceiros viviam nos revela a capacidade de adaptação deles ao meio em que se encontravam e o modo como os seus hábitos alimentares eram moldados em vista de variáveis que drasticamente mudavam a forma de obtenção, transporte e armazenamento do alimento na caatinga. Confirma assim que o cuidado com a alimentação era uma questão de sobrevivência que não podia ser negligenciada pelos bandos, conquanto as pesquisas acadêmicas tenham dado pouco valor ao tema.

**Palavras-chave**: Hábitos alimentares. Cangaceiros. Cultura. Caatinga.

**INTRODUÇÃO**

Você já imaginou como seria viver no cangaço? Como era o dia a dia dos cangaceiros? Suas vestimentas? Seus gostos musicais? Seus hábitos alimentares? Sim ou não, é importante saber que os cangaceiros eram pessoas normais, com todas as necessidades e peculiaridades que nós temos. Sim, eles comiam, dormiam, iam ao banheiro... e tudo isso em meio a um clima de tensão que implicava constantes mudanças e enfrentamentos armados contra outros homens e de sobrevivência no meio ambiente da caatinga. Como se garantir vivo não era uma tarefa fácil.

Por Cangaço, entendemos o termo genérico que se refere a um movimento de subsistência e adaptabilidade com base na violência que deixou marcas na cultura e na memória do nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX. Nesse período, o sertão, já castigado pelas constantes secas, viu o declínio das culturas de cana-de-açúcar, do algodão e do café, bem como o aumento da fome, do desemprego e da servidão latifundiária. Viu o deslocamento do centro da economia para o sul e a criação de uma multidão de andarilhos, errantes pelas terras cinzas e secas da caatinga. Viu o predomínio da figura do coronel, alimentada e alimentando os constantes conflitos políticos envolvendo a posse de terras, a expansão da criação do gado e de uma cultura da defesa da honra. Viu esses coronéis se cercarem do maior número possível de jagunços, homens e meninos subempregados, com o único propósito de defenderem os seus interesses. Viu homem, mulher, criança e bicho sucumbirem à fome ou ao vale-tudo para sobreviver em meio à barbárie do latifúndio e do poder coronelista. Talvez por isso nossa definição inicial de cangaço seja bastante genérica e nem de longe dê conta do que significava viver naquele período, sob o peso de viver para não morrer.

Ela é tão genérica como a definição elaborada por Clemente (2007), que recorre à simplicidade semântica para explicar a origem usual do termo, fazendo do cangaceiro um personagem literário, que enfrenta as adversidades, vive em bando e tem um sentido de ser:

O Cangaço desse período é definido na literatura para referir-se ao bandido que vive debaixo da canga, o complexo de armas sobrepondo-lhe o corpo, mas principalmente para referir-se a um modo específico de ação independente, em que o cangaceiro estaria subordinado apenas ao seu bando. Isto não significa vê o cangaço como resposta a dominação dos coronéis. (CLEMENTE, 2007, p. 1-2).

Tal como essa definição mais literária é útil e tem sido amplamente empregada, a nossa, mais funcional, pragmática, também pode ser aplicada ao cangaço. Estamos mais próximos de interpretações interativas que veem o cangaço a partir da dinâmica social concreta de seres sociais interagindo entre si em um espaço geográfico bem delimitado, como respostas mais ou menos bem elaboradas para se adaptar aos desafios ambientais e aos valores culturais dominantes. Oliveira (1988, p. 33) escreveu a favor dessa visão:

As causas para o surgimento de cangaceiros foram as mais diversas. Particularmente acho que o “Cangaço” é “filho da seca”. Tem-se tentado justificar o cangaço como um “banditismo social”, o que acho um paradoxo; se tem procurado dizer que os cangaceiros eram indivíduos antropologicamente predispostos ao crime, o que acho absurdo; há correntes que justificam os cangaceiros como pessoas rudes, dotadas de alto grau de periculosidade e surgidas de cruzamentos raciais imperfeitos, que faziam com que seus cérebros e organismos fossem feitos para a luta e necessitassem dela para se completarem, o que acho uma piada. (OLIVEIRA, 1988, p. 33).

É com esse olhar que nos aproximamos de Rosa e Silva (2011) para quem o cangaço está ligado diretamente às estratégias de sobrevivência – e essa passa a ser uma categoria importante para a nossa análise – especialmente àquelas configuradas no final do Império devido à grande seca de 1879, quando a miséria e a violência eram crescentes. Para Rosa e Silva (2011) foi esse contexto que viabilizou o surgimento dessa estratégia de sobrevivência formada pelos primeiros bandos armados, independentes do controle dos grandes fazendeiros. Nas suas palavras, isso ficou assim:

Para compreender o cangaço e os cangaceiros é necessário lançar um olhar crítico sobre a realidade geográfica onde viveram e morreram e o contexto social em que estavam inseridos. [...] No final do século XIX e no início do século XX a seca era uma dura realidade que os camponeses e fazendeiros deviam aceitar estoicamente. [...] Nas regiões planas, vê-se a caatinga, uma vegetação retorcida, nodosa, de pequena altura, própria de uma terra quente e seca. (ROSA E SILVA, 2011, p. 41).

Justamente por isso, nos aproximamos conceitualmente de Rosa e Silva (2001), com esse tipo de abordagem pragmática que examina o cangaceiro como um homem de um tempo/lugar preocupado com as estratégias funcionais de sobrevivência em um território bastante hostil. Território entendido aqui tanto como lugar geográfico como espaço do poder. E, como um sobrevivente nesse/desse território, todas as suas necessidades precisam ser pensadas (e, certamente, estudadas pelo pesquisador de hoje) em relação ao seu meio e seus conterrâneos. Por isso, quando perguntamos se você já se imaginou vivendo no cangaço, não nos referíamos simplesmente a ter se imaginado vestido como cangaceiro, andando em bando ou dançando quadrilha como tal. Nossa questão é mais radical, é indagar se você já se imaginou como seria sobreviver em uma época de estiagem quando todos os rios secam, levando-o a se preocupar com o seu sustento e de sua família, tendo que cavar cacimbas nos leitos dos rios ou procurar raiz de umbuzeiro, extraí-la da terra e espremê-la, na esperança de algumas gotas d’água, tudo isso desprovido de posses e à mercê de todas as doenças, ataques de animais ferozes e peçonhentos e sem amparo legal ou político. Como se não bastasse, tudo o que você conseguir pode lhe ser tomado por alguém com mais força ou poder. Como você faria para sobreviver? Como você faria para conseguir, armazenar e processar seus alimentos?

Nossa hipótese de partida é que o cangaço era uma opção (talvez a última ou única, para muitos) de vida acessível para os catingueiros jovens que não tinham trabalho e acabavam por entrar no mundo do crime como forma de subsistir. Mas, não pensamos o cangaço como um bloco homogêneo; antes – já dissemos, o percebemos como um movimento, o que nos aproxima da visão de Mello (2004, p. 88) sobre o assunto, especialmente quando ele afirma que “houve cangaços dentro do cangaço”. Entendemos que um desses tipos de cangaço se refere aos grupos de homens armados que serviam a seus chefes (fazendeiro ou políticos), como um grupo de defesa, e que teve em Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião) e Corisco (o Diabo Loiro) seus principais representantes. Outro tipo de cangaço se refere aos grupos de homens armados que não tinham um lugar específico para morar, tinham vida de nômade, viviam no sertão brasileiro, praticando crimes, fugindo e se escondendo, e, ao chegarem às cidades pediam abrigo e víveres. Esses bandos independentes viviam em luta constante com a polícia, até serem presos e mortos.

Se o cangaço, como imaginamos, é uma resposta de sobrevivência dentro de um modelo de sociedade e frente a certas condições ambientais, se mudada alguma dessas variáveis, é natural perceber uma mudança ou até mesmo a extinção no/do padrão dessa resposta. E, parece-nos que foi justamente isso o que aconteceu. De acordo com Rosa e Silva (2011) e Cesar (2012), o cangaço teve o seu fim em 1940, a partir da decisão do então o presidente Getúlio Vargas de eliminar todo e qualquer foco de desordem em território nacional. Para tanto, sua excelência promulgou uma lei concedendo anistia aos cangaceiros que se rendessem e autorização para pôr termo à vida dos extremistas (o regime denominado Estado Novo incluiu Lampião e seus cangaceiros na categoria de extremistas). A solução apresentada era a rendição ou a morte. Junto a isso, o Brasil começava a passar por grandes transformações econômicas e sociais, promovidas pela industrialização. A evolução dos meios de transporte e comunicação começava a ser introduzida no sertão. De resto, a necessidade de mão de obra nas fábricas do Rio de Janeiro e de São Paulo passaram a atrair a população do semiárido. Assim, as diversas circunstâncias que originaram o cangaço desapareceriam junto com ele, deixando aos pesquisadores e curiosos vários causos, relatos verdadeiros e fictícios, disputas explicativas e uma série de perguntas não respondidas e outras negligenciadas. Dentre algumas dessas perguntas, indagamos pelos hábitos alimentares dos cangaceiros; afinal, eles comiam.

Essa não é uma pergunta injustificada, ou simplória. A vida cotidiana dos cangaceiros já foi amplamente explorada e resta prova de que muitos dos seus hábitos tiveram ou têm relação direta com o modo de ser catingueiro. A moda do cangaço, por exemplo, deixou raízes, conforme observamos em Millan (2010) e Rosa e Silva (apud FILHO, 1991), quando apresentam suas explicações para as vestimentas dos cangaceiros. Ambos relatam que eles vestiam roupas de couro para se proteger dos espinhos de mandacaru e contra o sol; que essas roupas tinham que ser resistentes e com mangas compridas (as calças tiveram pelo menos três modelos); que eles usavam uma perneira que servia como meia para proteger as canelas dos espinhos e o chinelo, ambos feitos de couro (na época era conhecida como alpercata); que usavam chapéu de couro ou feltro grosso, com abas largas dobradas para cima (na aba eram colocados alguns enfeites, tipo a estrela no meio do chapéu meia-lua de couro, lançado por Lampião); que o dinheiro também era carregado junto ao corpo (moedas de ouro 22 quilates ficavam penduradas na testeira do chapéu), assim como anéis – que serviam como uma espécie de botão do lenço do pescoço (chamado de jabiraca); que esse lenço protegia boca e nariz contra a poeira; e que levavam com eles cantil com água e outro de pinga, cartucheiras com de munição e uma bolsa com remédios, fumo e brilhantina. Dessa feita, os hábitos dos cangaceiros podem ser inovadores, mas estão assentados em costumes tradicionais e nas delimitações impostas pelos recursos disponíveis no seu estreito e escasso território.

Uma sugestão dessa mistura de hábitos locais com o modo de ser cangaceiro está muito presente no universo videográfico nacional, onde a temática do cangaço é fecunda no campo da música. Ali encontramos alguns filmes representativos do final do século passado, como “Alpercata de Rabicho” (Xaxado em Pernambuco), de Petrônio Lorena (1999), e “A Estética do Cangaço”, de Marcelo Peixoto (2000). O xaxado é amplamente explorado e associado ao cangaço, conquanto esse seja um ritmo e uma dança sertaneja com evidentes características indígenas e originário de regiões de Pajeú e Moxotó, no Estado de Pernambuco. No entanto, os cineastas e documentadores não hesitaram em associar ao cangaço o gosto musical pelo xaxado e influenciado a cultura popular na forma de representar o lado folguedo dos cangaceiros.

Essa mistura entre um modo de ser calcado essencialmente na cultura de subsistência em meio a um ambiente em que imperavam a escassez e a violência é uma tese, portanto, amplamente divulgada e que vai ao encontro dessa visão mais genérica com a qual pretendemos trabalhar. Uma visão que evidencia a relação entre o homem e o meio, em todos os aspectos, conquanto não possamos esquecer que o cangaço ainda é um objeto polêmico de discussão entre pesquisadores. Para alguns, uma forma simples de banditismo e criminalidade, para outros, uma forma de contestação social. Entretanto, nem mocinhos, nem bandidos, vai nos interessar, o objeto de reflexão deste estudo são os hábitos alimentares dos cangaceiros: o que eles comiam, como adquiriam, transportavam, conservavam e preparavam os seus alimentos.

**HÁBITOS ALIMENTARES DOS CANGACEIROS**

Este estudo foi desenvolvido a partir da curiosidade de saber como se davam os hábitos alimentares dos cangaceiros. Duas perguntas nos guiaram como motivação inicial: a) quais eram os hábitos alimentares dos cangaceiros? e, b) como eles conseguiam, armazenavam, transportavam e preparavam parte desses alimentos? Nosso ponto de partida, como hipótese exploratória, conforme já anunciamos, é de que o cangaço foi um movimento catingueiro que reuniu a necessidade de subsistir e se adaptar às condições geopolíticas do nordeste brasileiro em meio às contingências sociais de uma sociedade que alimentava e era alimentada pela violência (matança de índios e de negros, escravização, servidão feminina, machismo exacerbado, extrema pobreza, ausência de direitos e de proteção social estatal) e pelo modelo coronelista de governar. Assim, a questão da alimentação (sua aquisição, armazenagem e preparo), não poderia ser investigada adequadamente se excluída desse quadro. É isso que encontramos em Botelho (2006), para quem o hábito alimentar não pode ser dissociado da cultura no qual se insere:

O hábito alimentar pode ser definido com um código elaborado e complexo que extrapola o ato de comer, possibilitando a compreensão da organização da produção econômica de uma sociedade e suas relações sociais. Ele não está dissociado do restante da cultura, em especial da religião, da mora e da saúde. (BOTELHO, 2006, p.28).

Como elemento cultural, os hábitos alimentares estão inseridos em diversos aspectos: religiosos (há alimentos permitidos e proibidos, bem como a forma de prepará-los ou o dia de consumi-los – como a abstenção do consumo de carne vermelha em dias santos), etários (há alimentos proibidos ou permitidos para certas idades – como o leite materno para as crianças), tecnológicos (a forma de preparar, servir e consumir certos alimentos variam de cultura para cultura – o café coado em tecido de algodão), educacionais (a etiqueta alimentar está ligada diretamente aos hábitos alimentares coletivos: a lavagem dos alimentos, quem se serve primeiro, a quem cabe cada porção etc.), entre outros.

Além do aspecto cultural, há de se considerar também o aspecto econômico, afinal, o alimento não é um maná que cai dos céus. Ele precisa ser cultivado ou adquirido (ainda que roubado ou furtado), o que envolve complexos processos de manejo e tecnologias, todos passando pelas formas econômicas da região, especialmente o poder aquisitivo, conforme observa Frizon, (2008, p. 4):

O poder aquisitivo de um povo é que vai determinar os seus hábitos alimentares e, para a alimentação ser completa, não significa que se deva introduzir no organismo todos os princípios nutritivos, os quais são vistos como indispensáveis à vida. O que é preciso considerar é que esta alimentação tem que ter o poder de saciar, sendo ela, sobretudo, individual.

Além da cultura e do poder aquisitivo, Mezomo (2002) fala do meio ambiente como algo a ser considerado, afinal são as condições climáticas e o tipo de solo e vegetação os primeiros responsáveis pelo fornecimento de alimento direto, o que vai influenciar os hábitos dos moradores de uma região. Ademais, a produção de alimentos está ligada diretamente também a esses fatores. Em suas palavras:

Não existe peculiaridade da alimentação em relação à raça, e, sim, em relação ao meio ambiente físico, isto é, sol, chuva, altitude, solo, vegetação, vida animal, vetores de enfermidades decorrentes da adaptação do indivíduo ao ambiente, através de gerações sucessivas. (MEZOMO, 2002, p. 10).

Com a alimentação dos cangaceiros não podia ser diferente. Assim, não precisamos construir uma nova hipótese explicativa para dar conta do fenômeno, apenas explorar o conjunto dessas hipóteses já existentes: o aspecto cultural, econômico e ambiental influenciam diretamente os hábitos alimentares dos habitantes de determinado lugar. Isso nos coloca diante da constatação teórica de que, mesmo que se fique provado que a alimentação provida pelos cangaceiros pudesse ser insuficiente do ponto de vista nutricional, era satisfatória como adaptação cultural, econômica e ambiental. E, por que não, do ponto de vista prático. Nesse sentido, o valor nutricional delimitado pelas tabelas nutritivas atuais e pela ciência médica não se aplicam ao caso. O paradigma alimentar que vai reger os hábitos alimentares dos cangaceiros é pragmático. É, como o catingueiro diz, “aquilo que sustenta”, “aquilo que deixa o homem em pé para o trabalho”, “é o que tem para comer”. A noção de “sustância”, que está por trás desse raciocínio, passa a ser uma noção importante e reguladora desses hábitos.

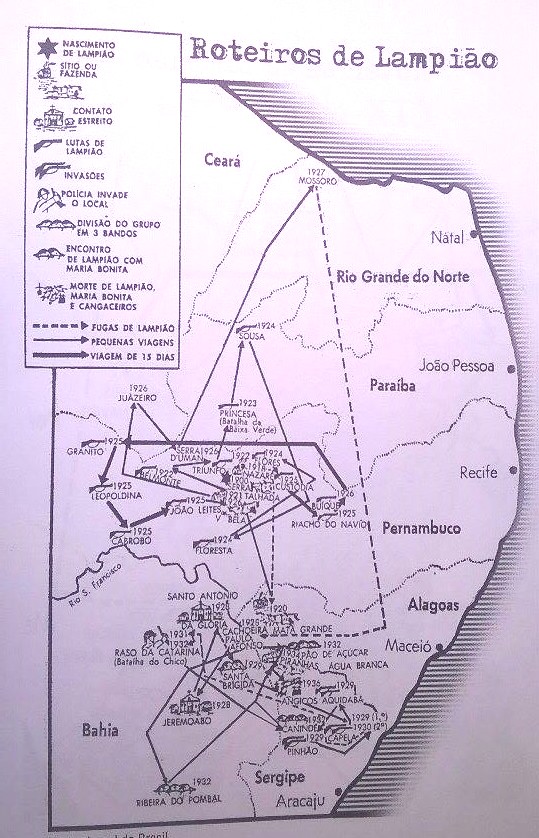
No RN, os bandos de cangaceiros que mais se destacaram foram o bando de Jesuíno Brilhante (atuante na Paraíba e no RN) e o bando de Lampião (atuante em quase todo o Nordeste). Os alimentos utilizados por seus cangaceiros eram bem diversos, dependendo da região e do período climático em que se encontravam, uma vez que suas rotas pela região passavam por áreas diversificadas, com vegetação catingueira distinta. Contudo, a regra é a de que eles consumiam o mesmo tipo de alimentação dos catingueiros em geral.

Figura 01 - Rota Geográfica do Cangaço de Jesuíno Brilhante (1870 – 1880).



Fonte: Holanda (2010, p. 37).

Figura 02 - Rota Geográfica do Cangaço de Lampião



Fonte: Ferreira da Silva (2005, p. 199).

a) O que os cangaceiros comiam?

Segundo informações disponibilizadas pelo blogueiro Ivanildo Alves Silveira (Colecionador do cangaço e Membro da SBEC), em 2010, diz que entre os alimentos consumidos pelos cangaceiros destacavam-se a farinha, carne de sol, rapadura, café, sal, leite, coalhada, galinha, bode, caças em geral. Some-se a isso as frutas silvestres que eram consumidas, inclusive cactos (xique-xique, coroa de frade etc.) quando havia muita falta d’água.

Essa informação foi reforçada por outra fonte, o jornal “O Nordeste” (2011), para o qual o catingueiro (com quem o cangaceiro partilhava o mesmo tipo de alimentos) tinha uma alimentação rica em nutrientes essenciais, abundante e diversificada. A carne-seca, o ovo, o queijo, o feijão-de-corda, a manteiga do sertão, o toicinho de porco, a rapadura e os produtos feitos de mandioca, macaxeira, batata-doce, jerimum e milho, além das frutas nativas do semiárido regional, como o caju, goiaba, cajá, umbu, trapiá, maracujá, ananá, pitomba, juá, umari, uvaia, ameixa silvestre, carnaúba eram muito usadas na alimentação catingueira. Seus preparos e forma de consumo, apesar de pouca variação, apresenta algumas peculiaridades locais: no Maranhão, por exemplo, o arroz é preparado até sua secagem na panela, deixando um pegado no fundo da panela; por sua vez, no RN, o arroz é escorrido.

Souza (2004), através dos relatos de Dadá, no documentário “A musa do cangaço”, descreve um pouco deste cotidiano/costume e o que comiam o bando dos cangaceiros no seu dia a dia:

Dadá, viúva de Corisco declarou que o melhor período se sua agitada vida no cangaço foi passado no Raso da Catarina. Disse ela: “Aquilo é que foi uma maravilha... Não faltava nada. Todo dia tinha caça para comer, era cutia, tatu, peba, caititu. Do mato eles traziam as plantas para a gente fazer remédio e comer...”. (SOUZA, 2004).

Um documentário feito por Benjamim Abrahão (1936-1937), com imagens do cotidiano do cangaço entre 1936 a 1937, com apoio de Adhemar Bezerra de Albuquerque, intitulado “Lampião, o Rei do Cangaço”, foi apreendido pelo órgão de censura do governo de Getulio Vargas e ficou esquecido nos porões da ditadura. Porém, em 1955, parte das imagens foram recuperadas por Alexandre Wulfes e reeditado por Al Ghiu, transformado em um pequeno documentário de apenas 10 minutos, atualmente localizado na Cinemática Brasileira. São imagens reais que mostram o dia a dia de Lampião e seu bando. Em algumas imagens é possível ver os cangaceiros cortando a carne de um bode; em outro momento, de um bezerro. Isso pode ser uma evidência de que o consumo da carne desses animais, tanto na forma de assado quanto de cozido, não era estranho ao bando de Lampião.

Aliás, de acordo com José Alves de Matos, o conhecido ex-cangaceiro “Vinte e Cinco”, que por cinco anos integrou o bando de Lampião, ao “Jornal Gazeta”, de Alagoas, a vida no cangaço, apesar de rígida, era uma vida de fartura:

O regime que imperava no cangaço era rigoroso, mas todos viviam satisfeitos. Não faltava comida – carne de bode, carneiro, boi, farinha, sal, queijo –, uma vez que os fazendeiros ordenavam aos vaqueiros para abastecer os grupos, o que não acontecia com relação aos que faziam parte da Polícia. (SAPUCAIA, 2012).

Isso corrobora com o relato Benicio Alves Santos – O Saracura, que fazia parte do bando de Lampião – e que fala no documentário “Memória do Cangaço”, de Paulo Gil Soares (1964), que o bando se alimentava de carne asada com farinha seca e que eles dormiam no chão forrado com uma coberta.

b) Como os cangaceiros conseguiam seus alimentos?

A obtenção desses alimentos se dava de várias formas. Para Holanda (2010), a prática de assaltos a comboios e armazéns era, para Jesuíno Brilhante, a sua principal fonte de aquisição de alimentos. E, como havia certa redistribuição desses saques para a população, fez-se uma leitura desse cangaceiro que nos remete às representações literárias, como as da Inglaterra, por meio das aventuras de Robin Hood, cujo lema de seu personagem na obra é: “tirar dos ricos para dar aos pobres”. A forma de aquisição do bando de Jesuíno foi, portanto, inserida em certa leitura romanesca:

Jesuíno se diferencia dos demais cangaceiros por ter procurado intervir em questões sociais como a distribuição para as pessoas necessitadas de gêneros alimentícios destinados a combater as secas, que subtraía dos coronéis saqueando os comboios de víveres que eram enviadas pelo governo para as vítimas das secas, mas, que ficavam nas mãos dos poderosos e nunca chegavam à população. (HOLANDA, 2010, p. 36-37).

Já os cangaceiros do bando de Lampião, por serem considerados nômades, não tinham o costume de produzir o seu alimento, logo, para a obtenção de comida, eles utilizavam outros métodos: recebiam mantimentos dos coiteiros (pessoas que ajudavam os cangaceiros ou por medo ou por proteção), ou por meio de saques realizados nas inúmeras invasões de seu bando, além da caça e colheita de animais, plantas e raízes silvestres. Contudo, a forma aquisitiva por meio da violência era uma característica marcante como código de conduta do bando:

Uma vez membro do grupo, havia leis específicas a seguir. Entre elas, o consentimento para saques armados contra fazendas e propriedades vizinhas como forma de debelar a injustiça e a fome do povo. Nenhuma daquelas histórias acabara bem. Tanto na serra do Rodeador quanto entre os sobreviventes da Pedra Bonita, os insubmissos foram passados na espada pela repressão governamental. (NETO, 2009, p. 47).

Com base no filme “Os Cangaceiros”, de Lima Barreto (1953), podemos ter uma ideia de como nossa cultura representa a forma como os cangaceiros conseguiam seus alimentos. A película retrata a vida do cangaceiro Capitão Galdino e seu bando, mostrando o dia a dia deles, saqueando vilas e cidades, roubando os comércios locais, fazendeiros e coronéis em busca de alimentos – além de alguns animais como bodes, cabras e porcos – e de outros objetos. De volta ao seu alojamento, o bando comemorava dançando xaxado ou cantando “Mulher Rendeira”. Quem não obedecesse era morto ou tinha alguma parte do seu corpo cortada.

Mello (2004) interpreta que esse tipo de ação tem uma dimensão associada ao terror e outra ao fanatismo, justamente por isso, sua ambivalência cultural e permanência durante tanto tempo:

E enquanto, por um lado, a ação do cangaceirismo perturbava, por essa maneira, o império da justiça e da ordem, levando pavor aos seios das famílias e criando uma segurança arruinadora ao comércio do Nordeste, cujos comboios de mercadorias eram assaltados e saqueados nas estradas, por outro lado, quem quer que percorresse o sertão constatava um fenômeno social gravíssimo: entre os adolescentes, entre a flor em botão da mocidade, as façanhas dos bandoleiros, repetidas com vivas cores de bravura e arrojo, despertavam um entusiasmo deletério, predispondo as almas mal formadas para aquela vida aventurosa e trágica do cangaço. (MELLO, 2004, p. 152).

Ao se tornar cangaceiro, Lampião não foi diferente dos demais cangaceiros: também saqueou comércios e vilarejos. Sousa (2009), ao falar de Lampião em visita à vila de Custódia, relata como o terror assolava as pessoas diante de atividades simples da vida, como adquirir alimentos:

O dia vinha amanhecendo – 11/02/1925 – como outro qualquer. Mas quem ia abrindo a janela ou a porta de casa, ia tendo uma grande surpresa ao se deparar com um grupo de cangaceiros em plena praça. Uns sentados no chão, outros escorados nas árvores, na maior tranquilidade que se possa imaginar. Quem ia passando para ir ao açougue comprar carne ou verduras apressava o passo com receio do que pudesse acontecer ao dar de cara com Lampião e seus quarenta cabras. (SOUSA, 2009, p, 72).

Fica bem definido que os cangaceiros conseguiam seus alimentos através de roubos ou por meio de doação dos coiteiros, quando não se alimentavam na casa de algum desses. Para dar mais embasamento a essa temática, Lira Neto (2009. p. 237-240) descreve a última trincheira cratense quando a mesma sucumbiu ao ataque simultâneo de Zé Pedro, Manoel de Chiquinha, Zé Terto e Zé Pinheiro. Fala que os cangaceiros romperam as portas das principais lojas da cidade e iniciaram um saque generalizado ao comércio. A pilhagem resumiu-se aos gêneros alimentícios: feijão, farinha, arroz, milho, carne, rapadura. Apesar que a cidade do Crato se encontrava sem policiamento e sem autoridades eles aproveitaram e roubaram milhares de sacas de grãos, além de centenas de cabeças de gado que foram transportados de uma cidade para outra.

Uma a uma, as principais cidades com que os rebeldes depararam pelo caminho foram sendo tomadas e saqueadas. Não houve dificuldades para invadir Lavras e São Mateus (futura Jucás), antes de se apoderarem da própria Iguatu, em 14 de fevereiro, onde o saque a um único armazém rendeu a pilhagem de 300 mil rapaduras, suprimento considerado fundamental na ração de guerra dos jagunços. Entupiram-se os bornais com a iguaria sertaneja, [...] (NETO, 2009, p. 240).

Quanto à água, devido à sua escassez, era necessário desenvolver estratégias diversificadas de obtenção e armazenagem. De acordo com Dadá, no documentário “A musa do cangaço”, a água era retirada dos leitos de algum rio ou cacimba onde os cangaceiros enchiam suas coringas e bornais. E, de acordo com Santos et al (2005, p. 3), na época de seca, os cangaceiros conseguiam água das raízes dos umbuzeiros, que era muito utilizado como principal alimentação: eles chupavam o umbu para saciar a fome e a sede.

c) Como os cangaceiros transportavam/armazenavam os seus alimentos

Alguns bandos possuíam uma espécie de refúgio permanente, no qual a comida era armazenada. O bando de Jesuíno Brilhante, por exemplo, utilizava cavernas da região serrana potiguar, como a Casa de Pedra, em Martins-RN, como esconderijo e despensa. No entanto, devido à vida nômade, o mais comum era que a vida do cangaço se aproximasse mais da dos catadores/coletores.

O transporte desses alimentos era feito, principalmente, em bornais, que eram anexados aos cavalos e burros pertencentes ao bando, caminhando de região para região. De acordo com Santos et al (2005, p. 3), “Lampião usava os túberos para armazenar alimentos ou mesmo saciar a sua sede”. Mello (2010) dá testemunho dessa prática quando recorre a uma informação desenvolvida por Millan para descrever o que os cangaceiros levavam em seus bornais:

“Os bornais [tipo de bolsa] tinham dentro carne seca, farinha, rapadura e, para não caírem facilmente, ficavam presos. Uma alça de couro passava a três dedos abaixo do mamilo e prendia as alças laterais dos bornais. Era uma estrutura funcional que permitia aos cangaceiros combater e se embolar pelo chão durante um tiroteio ou briga sem que nenhuma das peças se desprendesse” (MILLAN, apud MELLO, 2010).

d) Como os cangaceiros preparavam/serviam os seus alimentos

Quanto à feitura, observa-se nas imagens capturadas por Abrahão que a comida era preparada por mulheres, (o que não pode ser uma regra, uma vez que a participação de mulheres nos bandos cangaceiros só aconteceu tardiamente e não era comum em todos). Em seu relato como “A musa do cangaço”, Dadá é declarante acerca desse habito: as mulheres faziam a comida do bando, e quando pronta, colocava as panelas para serem servidas. Se a comida não tivesse sal, ninguém tinha o direito de reclamar, afirma Dadá, no documentário citado. A imagem seguinte parece corroborar com isso, pois mostra Abrahão na intimidade com o grupo de lampião sendo servido por Maria Bonita durante as refeições coletivas.

Nota-se, no entanto, que, de acordo com Dadá, as mulheres eram responsáveis pela feitura do alimento, mas não havia o hábito ou obrigação de servirem os homens. Para ela, o serviço de prato envolvia um processo de partilha e respeito à hierarquia do bando: a comida era dividida pra todo os cangaceiros e chefes do bando. Cada um colocava sua parte, respeitosamente. Assim, a imagem capturada por Abrahão de Maria Bonita servindo Lampião pode ser um capricho amoroso, uma *mise en scène* ou uma prerrogativa de chefe do bando.

Printscrin 01 – Benjamim Abraão comendo junto com o bando de Lampião.



Fonte: Benjamin Abrahão, 1936

Estão presentes no cotidiano do cangaço o uso de fogueiras e panelas para o cozimento. Não é possível saber o material do qual era feito essas panelas: se de barro ou de ferro. Mesmo em outro documentário, “A musa do cangaço”, quando Dadá relata que cozinhava em uma panela, não fornece informações que possam identificar o material utilizado na sua feitura. Entretanto acreditamos que as panelas eram de barro, pois naquela época conseguir panela de ferro ou de outro material era muito difícil é caro. Para Oliveira (1970, p. 139-145) as panelas de barro, latas e batatas de umbu eram utilizadas para cozinhar os alimentos; na maioria das vezes constituídos de carne seca (de bode ou boi), rapadura e farinha.

A partilha do alimento respeitava muito as individualidades de cada cangaceiro. Não só quanto à quantidade que cada um julgava necessária para seu sustento e podia dispor do coletivo, mas a forma habitual como fazia a ingesta: alguns comiam em pé, outros sentados, usavam talheres ou as mãos, conforme observamos nas imagens capturadas por Abrahão.

Printscrin 02 – Bando de Lampião se alimentando.



Fonte: Benjamin Abrahão, 1936.

Além disso, é observável o consumo de bebidas em canecas. Não sabemos ao certo o que seja, porém acredita-se ser água ou cachaça – que era muito consumida pelos cangaceiros na época, o que seria coerente com o relato dado por Vinte e Cinco ao “Jornal Gazeta”, de Alagoas, de acordo com Sapucaia (2012):

[…] Do mesmo modo, não faltavam bebidas, mas aquele que as adquiriam era obrigado a experimentá-las antes de serem servidas a Lampião.

A propósito – lembra Vinte e Cinco – Lampião quando passava em lugar que não tinha aguardente ou conhaque, ele deixava dinheiro com alguém para que os produtos fossem comprados. Tinha mais: orientava no sentido de que as bebidas fossem enterradas no quintal da casa, bem arrolhadas, e que um dia retornaria para degustá-las. (SAPUCAIA, 2012).

Cada cangaceiro possuía seu copo/caneco, sua colher, seu prato e a cabaça/cantil/bornais para depósito d’água. No entanto, como observamos na imagem seguinte, o hábito de comer com as mãos não tinha sido abandonado: o próprio Lampião o mantinha.

Foto 02 – Lampião comendo com as mãos.



Fonte: Ivanildo Alves Silveira, 2010.

Esse hábito tinha uma razão de ser. Para Oliveira (1970), a vida errante do cangaço interferia na quantidade e na qualidade da alimentação que dependiam da situação: quando perseguidos, se alimentavam às pressas, de modo que as colheres eram substituídas pelas mãos sujas em forma de concha, sem nenhuma higiene.

No tocante às carnes, o que não era consumido e não prestava para o consumo, era devidamente descartado em segurança, pelo menos enquanto o “coito” ainda estava montado. Segundo Ivanildo Alves Silveira (2010), as carcaças dos animais (peles e ossos) eram enterradas, a fim de que a podridão dos mesmos, percebida pelos urubus que rondavam o local, não os denunciassem à polícia. Ainda segundo esse blogueiro, quando desarmavam as barracas/tordas e abandonavam o “coito”, os cangaceiros deixavam um “odor de ciganos” para trás (não existem fontes documentais que corroborem essa afirmação).

A sesta, muito comum na tradição católica e entre os catingueiros, era, quando possível, adotada pelos cangaceiros. Pelo menos é isso que Oliveira (1970, p. 139-145) nos dá a entender, especialmente nesse trecho: “Quando nos ‘coitos’ livres dos ‘macacos’, os cangaceiros se alimentavam fartamente, após as refeições descansavam, contavam os ‘causos’ e ‘gargalhavam’”.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das videografias, bibliografias, e os testemunhos mostram que “hábito” se configura como uma palavra que invoca o sentido de cotidiano ou de costume, e, no campo semântico, referência o consumo habitual como representativo do hábito alimentar regional, assim como se apresenta a imagem do alimento produzido na região. Compreende-se que, de maneira geral, o hábito dos cangaceiros aponta a possibilidade da “cultura regional”, a um sistema de crenças e valores morais, identidades sociais, hábitos geradores de identificação: todos eles elementos próprios da diversidade cultural em cada bando, como se observa neste estudo no sertão nordestino em meio à configuração sociocultural do Brasil. Assim, de acordo com o embasamento científico e cultural, o modo como os cangaceiros viviam nos revela a capacidade de adaptação deles ao meio em que se encontravam e o modo como os seus hábitos alimentares eram moldados sem vista de variáveis que drasticamente mudavam a forma de obtenção, transporte e armazenamento do alimento no sertão nordestino.

Se analisado sociologicamente o modo como os cangaceiros trabalhavam em grupo para a obtenção do mantimento mostra que eram uma sociedade organizada e hierárquica que buscavam com ações individuais a sobrevivência do coletivo diante das dificuldades encontradas como falta d’água, escassez de alimento e fugas da polícia. Os seus hábitos alimentares poderiam facilmente ser comparados com os dos catingueiros que viviam na mesma época, que partilhavam culturalmente um paladar similar ao dos cangaceiros. A diferença substancial é que a maioria da população catingueira, mesmo partilhando a mesma raiz cultural e o mesmo território, não precisou recorrer à violência para sobreviver.

**REFERÊNCIAS**

**A Musa do Cangaço** Direção: José Umberto Dias Brasil, 1982, 35mm, p&b, 18', documentário Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=YDPJYidXn6Q> . Acesso em: 10 out. 2014.

BOTELHO, R. B. A. **Cultura Alimentar e alimentação Saudável.** Tese de Doutorado. Faculdade de Ciência da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

CESAR, P. **CANGAÇO: Pesquisador resgata polêmica sobre estátua de Lampião**, 28 de abril de 2012. Disponível em: [http://www.faroldenoticias.com.br/site/polemica-plebiscito-sobre-estatua-de-lampiao-entra-para-a-historia /](http://www.faroldenoticias.com.br/site/polemica-plebiscito-sobre-estatua-de-lampiao-entra-para-a-historia%20/) acesso em 31 de outubro de 2014, 16:20:00

CLEMENTE; M. E. de A. Cangaço e Cangaceiros: Histórias e imagens fotográficas do tempo de lampião. **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais.** v. 4, ano IV, n 4, out-dez 2007, ISSN: 1807-6971 Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

**“FIDALGO", MAS NEM TANTO. LAMPIÃO COMIA... TAMBÉM COM AS MÃOS!** Disponível em: http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2015/04/fidalgo-mas-nem-tanto-lampiao-comia.html. Acesso em: 30 outubro 2014.

FRIZON, J. D. **Hábitos alimentares e qualidade de vida: uma discussão sobre a alimentação escolar.** Artigo apresentado ao I Simpósio Nacional de Educação (Unioeste – Cascavel). Pedagoga/ Licenciatura Plena – FADEP (Faculdade de Pato Branco). 2008.

HOLANDA, Lúcia Maria de Souza. **Lugares de memória**: Jesuíno Brilhante e os testemunhos do Cangaço nos Sertões do Oeste Potiguar e fronteira paraibana. João Pessoa : [s.e.], 2010.

**LAMPIÃO, o Rei do Cangaço**. Direção de Benjamin Abrahão, 1936-1937.

MELLO. F. P. de. **Guerreiros do Sol**: violência e banditismo no Nordeste do

Brasil. São Paulo: A Girafa, 2004.

MEZOMO, I. de B. **Os serviços de alimentação**. São Paulo: Manole, 2002.

MILLAN, P. A moda de Lampião. **Jornal Gazeta Do Povo.** Publicado em 07/08/2010.

NETO Lira, J. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. Editora Schwarcz LTDA, 2009.

OLIVEIRA, A. L. de. **Lampião, Cangaço e Nordeste**. 2 ed. Editora O Cruzeiro, 1970.

OLIVEIRA, B. M. de. **O Cangaceirismo no Nordeste**. Brasília, 1988.

ROSA E SILVA, E. Q. ENTRE O CHAPÉU ESTRELADO E O PUNHAL: o imaginário do cangaço em terras brasileiras. **Revista Incelências**, v. 2, n. 1, p. 39-53, 2011.

**SILVA,** [Gonçalo Ferreira da. **Lampião a Força de um Líder**](http://www.livronauta.com.br/BookSearch.html?tipo=autor&valor=Goncalo+Ferreira+da+Silva). Editora Milart, 2005.

SILVA, R. M. A. Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semi-Árido: políticas públicas e transição paradigmática. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, n. 3, jul-set. 2007.

SOUZA, A. W.de, **Lampião**: Nem Herói, nem Bandido... A História, 2009 – 4ª Edição

SOUZA, Jovenildo Pinheiro de: **Sertão Sangrento: Luta e Resistência**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 1994.

SAPUCAIA, Antônio “**TENHO SAUDADES DA VIDA NO CANGAÇO**” Gazeta de alagoas, EDIÇÃO DE 16 DE SETEMBRO DE 2012 Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=209059> . Acesso em: 20 out. 2014.